

DIREÇÃO GERAL
Olga de Sá

COMISSÃO EDITORIAL
Olga de Sá, Sônia Siqueira

ORGANIZAÇÃO
Joaquim Maria Guimarães Botelho
Júnia Botelho

REVISÃO
Olga de Sá

SECRETÁRIA
Maria Aparecida S. Boncristiano

PROJETO GRÁFICO EDITORIAL
Annie Lopes
Guilherme P. Ragazzo

DIAGRAMAÇÃO
Isabelle Domingos

CAPA
José Botelho Netto

EDIÇÃO
nº 141-142, abr/set, 2015

PERIODICIDADE
Trimestral

IMPRESSÃO/ACABAMENTO
GRAFIST Gráfica&Editora Santa Teresa
Tel.: 12 2124-2891 / grafica@fatea.br

www.fatea.br/publicacoes

AQUISIÇÃO/ASSINATURAS
Av. Dr. Peixoto de Castro, 539 - Vila Celeste
Cep. 12.606-580 - Lorena - SP
Tel.: 12 2124-2825

CONTATOS
revistas@fatea.br

CONSELHO EDITORIAL

PROFA. DRA. ADÉLIA BEZERRA DE MENESES
Universidade Estadual de Campinas

PROFA. DRA. ANA VICENTINI DE AZEVEDO
Universidade Federal de São Carlos

PROF. DR. ARTURO CASAS VALES
Universidade de Santiago de Compostela (Espanha)

PROFA. DRA. BERTA WALDMAN
Universidade de São Paulo

PROF. DR. CARLOS MENDES SOUSA
Universidade do Minho (Portugal)

PROFA. DRA. CLEUSA RIOS PINHEIRO PASSOS
Universidade de São Paulo

PROF. DR. DIETER MESSNER
Paris-London-Universität (Áustria)

PROFA. DRA. ELIZABETH DE ANDRADE LIMA HAZIN
Universidade de Brasília

PROF. DR. ENRIQUE PATO MALDONADO
Université de Montreal (Canadá)

PROF. DR. FERNANDO SEGOLIN
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PROF. DR. GILBERTO FIGUEIREDO MARTINS
Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis

PROF. DR. HÉCTOR ALBERTO FERREIRO
Universidad Nacional de San Martín (Argentina)

PROF. DR. JOSÉ AFONSO MEDEIROS SOUZA
Universidade Federal do Pará

PROF. DR. JOSÉ ISMAEL GUTIERREZ
Universidad de Las Palmas de Gran Canaria (Espanha)

PROFA. DRA. LORRAINE LEU
University of Bristol (Inglaterra)

PROF. DR. LUIZ MOTT
Universidade Federal da Bahia

PROFA. DRA. MÁRCIA MARQUES MORAIS
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

PROFA. DRA. MARIA JOSÉ SOMERLATE BARBOSA
University of Iowa (EUA)

PROFA. DRA. MARTINE KUNZ
Universidade Federal do Ceará

PROFA. DRA. NADIÁ PAULO FERREIRA
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

PROF. DR. PEDRO MEIRA MONTEIRO
Princeton University (EUA)

PROF. DR. PHILIPPE MAUDIEU
Universidade de Paris III

PROF. DR. PIETRO TARAVACCI
Università degli Studi di Trento (Itália)

PROFA. DRA. REGINA HELENA MACHADO AQUINO CORREA
Universidade Estadual de Londrina

PROF. DR. RICARDO POSTAL
Universidade Federal de Pernambuco

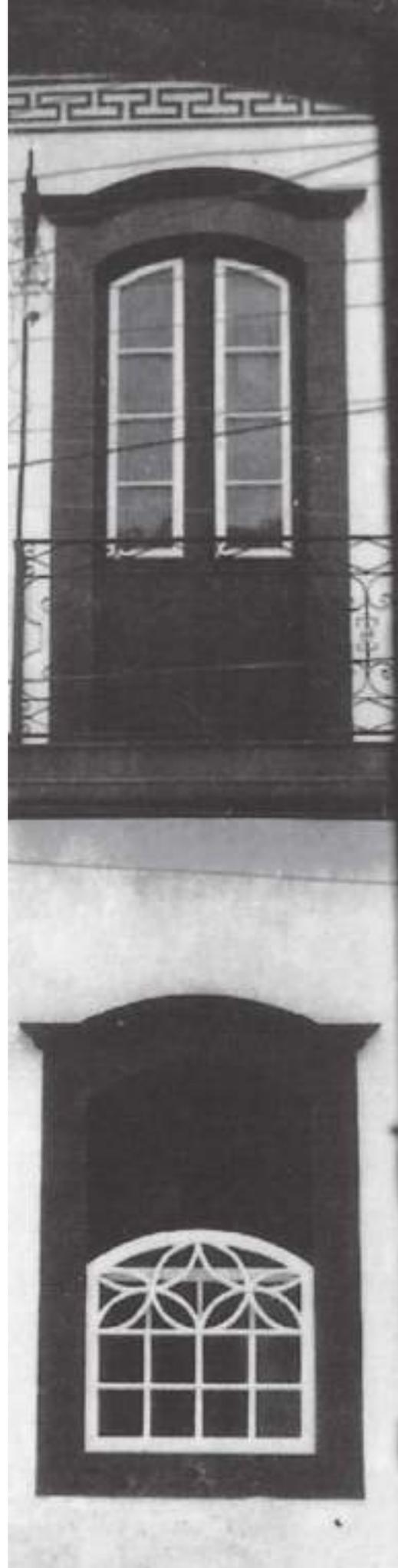
PROFA. DRA. SUELI SALLES FIDALGO
Universidade Federal de São Paulo

PROF. DR. VICTOR GROVAS HAJJ
Universidad del Claustro de Sor Juana (México)

PROFA. DRA. YUDITH ROSENBAUM
Universidade de São Paulo

Sumário

Botelho	005
<i>Joaquim Maria Guimarães Botelho</i>	
Zizinho foi um poeta. E viveu poeticamente	006
Um tal de Zé	009
<i>Júnia Botelho</i>	
José Botelho Netto: Biografia	014
<i>Júnia Botelho</i>	
Botelho Netto em Preto e Branco	017
Festejos Populares	031
Infância	037
Tipos	045
Utensílios	059
Cultura popular	064
Arquitetura	076
Paisagens	084



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS NA REVISTA ÂNGULO

1 - ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS:

- a) Título e subtítulo: na primeira linha, centralizados, negrito. Fonte: Times New Roman, corpo 12, somente primeira letra em maiúscula em ambos.
- b) O nome do autor e titulação/vínculos: duas linhas abaixo do título, alinhado à direita, usando maiúsculas somente nas letras iniciais dos nomes, sem abreviações. (Exemplo: Maria Souza Silva. Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Professora da área de Estudos Literários da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.)
- c) Resumo (até 10 linhas) e palavras-chave (de 3 a 5). Em português e inglês

2 - ELEMENTOS TEXTUAIS:

- a) Fonte: Times New Roman, corpo 12, alinhamento justificado ao longo de todo o texto;
- b) Espaçamento: simples entre linhas e parágrafos, duplo entre partes do texto (tabelas, ilustrações, citações em destaque, etc.).
- c) Citações: no corpo do texto, serão de até 03 linhas, entre aspas duplas. Fonte: Times New Roman corpo 12. Quando maiores do que 05 linhas, devem ser destacadas fora do corpo do texto. Fonte: Times New Roman corpo 10, em espaço simples, com recuo de 4cm à esquerda. Todas as referências das citações ou menções a outros textos, (tanto nas incluídas no corpo do texto, como as que devem aparecer em destaque) deverão ser indicadas, após a citação, com as seguintes informações, entre parênteses: sobrenome do autor em caixa alta, vírgula, ano da publicação, abreviatura de página e o número desta. Exemplo: (COSTA, 2003, p. 1-10) (NBR 10520/03). Evitar a utilização de idem ou ibidem e Cf. Quando for utilizado o apud, colocar as mesmas informações solicitadas anteriormente para o autor do texto de onde a citação foi retirada. Exemplo: (COSTA, 2003, p. 1-10 apud. SILVA, 1998, p. 23). Não esquecer de incluir todos os dados de ambos os autores. Colocar somente as obras consultadas diretamente nas Referências.
- d) Notas explicativas: se necessárias, devem ser colocadas depois do término do artigo e antes das Referências e devem ser numeradas sequencialmente, sobrescritas, com algarismos arábicos, Fonte: Times New Roman, corpo 10.
- e) Títulos e subtítulos das seções, se expressos em palavras, sem numeração arábica, inclusive Introdução, Conclusão, Referências e elementos pós-textuais, sem recuo de parágrafo, em negrito, com maiúscula somente para a primeira palavra da seção. Se expressos somente em números, colocar o número seguindo as mesmas regras anteriores, mas sem pontuação.

EXEMPLOS DE REFERÊNCIAS

Artigo de periódico:

SÁ, Olga de. "A narrativa e seus avessos: o inacreditável". Revista Ângulo – Especial João Guimarães Rosa. Lorena, v. 1, n.115, p. 122-6, 2008.

Livros:

HARBONE, J.B. Introduction to ecological biochemistry. 3. ed. London: Academic Press, 1988. p. 382.

Capítulos de livros:

KUITERS, A.T.; VAN BECKHOVEN, K.; ERNST, W. H. O. "Chemical influences of tree litters on herbaceous vegetation". In: FANTA, A. (Ed.). Forest dynamics research in Western and Central Europe. Washington: Pudoc, 1986. p.140-170.

Monografias, dissertações e teses:

ROEFERO, E. L. De Eros ao abismo: um estudo do Desejo em Felicidade clandestina, de Clarice Lispector. 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado Literatura e Crítica Literária) – São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

BRITO, E. O produto de chapas de partículas de madeira a partir de maravilhas de Pinus elliottii. Var. Elliottii plantado no sul do Brasil. 1995. 120 f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal) – Setor de Ciências Agrárias, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1995.

Congresso, Conferências, Encontros e outros eventos:

CARVALHAL, T. F. "A intermediação da memória: Otto Maria Carpeaux". In: II CONGRESSO ABRALIC – Literatura e Memória Cultural, 1990. Anais..., Belo Horizonte. p. 85-95.

Citação de citação:

MARINHO, Pedro. A pesquisa em ciências humanas. Petrópolis: Vozes, 1980 apud

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Técnica de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1982.

Documentos eletrônicos:

BELLATO, M.A.; FONTANA, D.C. El nino e a agricultura da região Sul do Brasil. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/nino2..> Acesso em: 6 abr. 2001.

CD-ROM:

KOOGAN, A.; HOUASSIS, A (Ed.) Enciclopédia e dicionário digital 98. Direção geral de André Koogan Breikman. São Paulo: Delta: Estádio, 1998. 5 CD-ROM. Produzida por Videolar Multimídia.

O texto original deve ser enviado ao endereço eletrônico Olgasa@fatea.br

Botelho

JOSÉ BOTELHO NETTO nasceu em Cachoeira Paulista (15/01/1921). Trabalhou, muito jovem, em um laboratório fotográfico, momento em que foi despertado para a fotografia. Aprendeu sozinho as técnicas do preto e branco. Passou a acompanhar a prima e esposa, Ruth Guimarães, escritora e jornalista, em reportagens, e começou a fotografar, como colaborador, para a **Revista do Globo** e para a **Revista Quatro Rodas**. Eram pobres. Ajudou a sustentar os nove filhos, varando noites revelando fotografias a partir de um ampliador que ele mesmo construiu, de caixotes de madeira.

Somente depois dos 50 anos conseguiu ir para a faculdade. Formou-se em Letras e passou a lecionar Língua e Literatura Portuguesa, em Ribeirão Pires, no grande ABCD, nas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, em Lorena. Formou batalhões de fotógrafos, em suas aulas ao ar-livre, na mesma faculdade.

Estudioso, pesquisou e leu o quanto pôde sobre história da arte e estética. Só parou de fotografar quando o mal de Alzheimer tornou a tarefa impossível.

Morreu em 09 de outubro de 2001.





Zizinho foi um poeta.
E viveu poeticamente.

Joaquim Maria Guimarães Botelho

Autor e instrutor do curso de Técnicas de Redação. Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo. Especializado em Jornalismo Eletrônico pela ECA/USP. Mestre em Literatura e Crítica Literária - PUC/SP

Casou-se, em 1949, com a prima Ruth, sua melhor e mais querida amiga. E passou a vida pedindo a Deus que lhe permitisse morrer antes dela, porque não suportaria perdê-la. Foi atendido no dia 9 de outubro de 2001, abatido pelo mal de Alzheimer.

Viveram em São Paulo os primeiros anos do casamento. Zizinho trabalhava na Estrada de Ferro Central do Brasil e Ruth no Laboratório Torres e em algumas editoras. Mas, sempre que podiam, ficavam períodos em Cachoeira Paulista, na chacinha herdada do avô, o guarda-chaves Juca Botelho.

No começo de 1955, decidiram mudar-se para cá. Tinham três filhos pequenos – e eu na barriga – e queriam a tranquilidade de vê-los brincando e crescendo em lugar saudável, em contato com a terra e com animais. Ruth pediu remoção e assumiu cadeira no Colégio Valparaíba. Para ela não foi difícil. Graduada em Letras, num tempo em que o grau universitário era raro entre as professoras, e já autora de dois livros festejados pela crítica, tinha numerosos pontos de vantagem sobre os competidores e podia escolher qualquer escola que lhe aprovesse. Para completar o plano, Zizinho, aventureiro e sonhador, abandonou o emprego promissor na estrada de ferro e resolveu que conseguiria trabalhar em Cachoeira Paulista ou em qualquer cidade próxima. Não perdia, nada, em sua opinião. Seu pai, Antonio Botelho, era o agente da estação Roosevelt da Estrada de Ferro Central do Brasil, seu chefe e por isso mesmo, motivo de inveja entre os colegas. Chamavam-no de Botelinho, em mal disfarçada censura por uma suposta preferência do agente pelo filho, em detrimento dos profissionais da área. Correto, dono de um código rígido de ética pessoal, Zizinho mortificava-se com a situação. Por isso, a mudança de cidade e de emprego não o incomodou. Muito depressa, conseguiu ocupação como laboratorista em uma firma de fotografia, na cidade de Lorena. Trabalhava à noite, quando Ruth já havia chegado a casa, das aulas do colégio. Trabalho exaustivo e inexpressivo, pelo menos serviu-lhe de escola para transformá-lo no excelente fotógrafo que foi. Aprendeu a composição química dos reveladores, fixadores e banhos de parada. Lia avidamente sobre história da arte, composição, estética.

Já atuando como fotógrafo, ele próprio construiu o ampliador, ele próprio comprava os químicos e misturava as soluções de nome difícil, como hidroquinona e hipossulfito. Todos nós o ajudávamos a estender, secar e cortar retratos. Menino, muitas vezes eu fazia as entregas das encomendas. Mais tarde, Marcos e Júnia também desempenharam a função. Papai tentou me entusiasmar pela técnica, mas confesso que não consegui me interessar pela fotografia. Marcos, por esse tempo, era quem começava a se animar pela carreira do pai e era quem mais aproveitava os momentos com ele, no laboratório.

Zizinho foi homem extraordinariamente devotado à mulher e aos filhos. Alegre e carinhoso. Em casa, à noite, tocava violão e cantava, com todos os filhos em volta. Apreciava música clássica e nos incentivava a ouvir. Ensinou-nos a dançar. Ele e Ruth escreviam e montavam peças de teatro, das quais participavam amigos, alunos, e nós também. Foram, sempre, verdadeiros agitadores culturais na cidade.

Para dar ideia da força desse casal: Zizinho teve tuberculose em 1961 e por decisão de Ruth combinaram que fariam o tratamento em casa. Foi cercado de todos os cuidados, remédios, esterilização de roupas e utensílios e acompanhamento médico do velho amigo da família e primo torto dos dois, Dr. Darwin Aymoré do Prado.

Em 1964, um problema de saúde de Marta, a filha mais velha, levou a família de volta para São Paulo. Zizinho, que podia trabalhar em casa, e portanto com horários flexíveis, assumiu alegremente o papel de cuidar dos filhos, enquanto Ruth escrevia e lecionava. Era um zero à esquerda, na cozinha, porém. Era capaz de, fervendo água, deixar queimar. Por isso, eu fui destacado para juntar-me à comitiva e administrar a casa, em Cachoeira, seis anos depois, em 1970, quando a nefrite do nosso irmão Antonio José exigiu tratamento em clima quente. Por dois anos, a família viveu repartida. Metade em Cachoeira, metade em São Paulo, onde Ruth ficara para não perder o emprego na editora Cultrix.

Zizinho foi fazer faculdade já aos 53 anos. Os filhos estavam crescidos. Ruth era efetiva na cadeira de Português. Ademais, ainda que gostasse de fotografia, com a abertura de modernos laboratórios, revelações no mesmo dia (ainda não havia a tecnologia para revelação em uma hora), agências que ofereciam o pacote completo para casamentos, por exemplo, o mercado ia ficando restrito para *retratistas* como ele. Pois Zizinho enfrentou o vestibular, passou com honras, sofreu o trote como qualquer calouro – divertiu-se ao chegar a casa com a cara pintada e a cabeça raspada – e foi cursar Letras, nas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, em Lorena.

Em 1975, penúltimo ano da faculdade, participou do Projeto Rondon, na cidadezinha de Uruçuí Preto, no interior do Piauí.

Tornou-se professor, depois, da mesma faculdade, onde formou centenas de alunos que devem a ele o gosto pela arte.

Achei, há algum tempo, um papel dobrado com uma experiência literária de meu pai. Trata-se de um trabalho solicitado por um de seus professores da faculdade e devia responder à seguinte pergunta: “O que estou fazendo aqui?”. O texto mostra quem ele era. Para mim não seria preciso esse testemunho para que

eu soubesse quem era meu pai. Foi o melhor amigo de minha mãe – e só isso já teria bastado para que eu o admirasse. Mas era mais do que isso. Um homem especialmente ético e especialmente amoroso. Foi meu herói e foi meu amigo.

PÁSSARO CATIVO (HISTÓRIA DE MENINO)

Quando eu era mínimo... Não! não se preocupem, não vou contar a história *ab ovo*. E nem é preciso: a fração de um dia, algumas horas bem vividas podem compor, inteirinha, a travessia.

Bem... antes dos sete anos aprendi a ler com meu pai, a poder de reguadas. É que eu, sabendo ler, mamãe, analfabetinha, ganhava um leitor de novelas, daquelas distribuídas em capítulos, às quintas—feiras. Aprendi a ler, bem, desempenado, não de soquinho como fazem os repórteres de televisão, hoje. Então, no segundo ano do Grupo, setembro de 1928, festa da ave, fui escalado como representante da classe para declamar. No fim, a comemoração não passava (não passa) de um rosário de

declarações em louvor de nossa irmãzinha ave. Nunca fui bom de decoreba e tentei sair dessa mas a professora, D. Eufrásia, quem diz que me livrava a barra?

No pátio. Sem cobertura, sol de lascar. Todo mundo na fila, imóvel, rígido, cada aluno—poeta desesperando a vez de subir no pelouro. O “Pássaro cativo”, de Olavo Bilac — Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, o próprio nome da fera já se harmoniza num sonoro alexandrino — a minha poesia eu a ouvi seis vezes antes da minha... execução. E cada vez que um menino desfiava o “Pássaro cativo”— várias estrofes, mais de cinquenta versos, acho até que uns quinhentos, ficava mais infeliz, mais vazio, mais desamparado. Terminei o poema? qual o quê! Fui um fiasco: fiiiiiiii, fiiiiiiii! Fiasco, a coisa mais humilhante e que as outras crianças, com a crueldade da criança, não perdoam.

Me fiz homem agarrado aos livros e aos poemas. E hoje, o que estou fazendo aqui? Me libertando do Pássaro Cativo, de Bilac, de dona Eufrásia, da vaia dos meninos. Por isso vim, não infeliz, nem desamparado, mas por meu gosto e de alma leve colocar—me ante vocês para contar esta historinha sem fundo moralístico, sem nenhuma profundidade psicológica, sem nenhum mérito.

Um tal de Zé

Júnia Botelho



*Manhã parece carece de esperar também,
para o bem de quem tem bem, de quem não
tem vintém...*

Chico Buarque de Hollanda

Para aqueles que já não esperam.

Meu pai era um tal de Zé. Desses Zé Severino, de vida Severina que nos legou o João Cabral.

José.

Ficou velho. Odiou tanto essa condição, se arrependeu de ficar velho, dizia, que preferia morrer. Abandonou os compromissos sociais *agora que sou velho não tenho obrigação de nada, posso tudo, eu faço o que eu quero*; despiu máscaras, despiu terno, despiu casca. A velhice desnudou dignidade, desnudou condição humana. Só não conseguiu tirar-lhe a essência: a vida que teve, reproduzida nas vidas que fez, biogenéticas ou não.

O que significa envelhecer? É só o que consta do dicionário? Ou a palavra carrega consigo a degeneração das células? Envelhecer é sinônimo de perder: força, ânimo, coragem, virilidade, reprodução, beleza, energia, satisfação, sono. Perder amigos das espécies humanas, animais, vegetais e animais. Mas também sinônimo de ganhos: diplomas, experiências, sabedoria, agilidade, controle, perspicácia, humores, amores, ganhar amigos das espécies humanas, animais, vegetais e minerais. Ser velho, me parece, é ter direito a lembranças sem perder a chance de conhecer coisas novas e, além disso, poder compará-las. A possibilidade de criar continua, mas talvez seja necessária uma adaptação às transformações. *“Eu já estou com um pé nessa estrada, qualquer dia a gente se vê, sei que nada será como antes amanhã...”* canta Milton Nascimento.

José ele se chamava. Fotógrafo. Sua máquina era seu terceiro olho, aquele que nos desvenda o mundo. Apreciava tudo com muito cuidado, meticulosamente. Esperava a luz apropriada, preocupava-se até mesmo com a direção do vento. Outro Zé, desta vez o seu Zé Barbeiro, homem simples, que entendia muito bem do seu métier de fazer barbas e cabelos, e só, estranhava o procedimento de procura de perfeição de seu homônimo: *Dona Ruth, acho que o ‘seu’ Zizinho ‘tá ficando maluco. Ele ‘tá ali agachado no meio do mato, tirando retrato de pito-de-saci!* Foi Caetano Veloso talvez, em uma de suas canções, quem disse: *de perto ninguém é normal*. Quem estabeleceu o conceito de normalidade? O instrumento de trabalho de José era o olhar, a máquina extensão. Ele piscava – a máquina piscava também, e produzia uma obra de arte. Que diafragma, que foco, que nada! eram retina e pupila, isso sim!

ENQUADROU A LUZ, ENQUADROU A SOMBRA.

A tecnologia calçou as botas de 7 léguas e passou por cima de nossas cabeças, pensava José. O mundo da produção, captação, transmissão, processamento, armazenagem das imagens, aperfeiçoa-se, permite uma

construção tão perfeita que é difícil dizer se o que vemos é real ou uma reconstrução. Máquinas diferentes... *que história é essa de só apertar um botãozinho?* espantava-se José. Ele não admitia as simplificações, porém sua escolha não impedia os passos da tecnologia. Aos poucos foi sendo dispensado de suas funções, já não mais ensinava a ver. E cegou.

O que se faz no mundo quando o mundo não precisa mais de nós? Emmanuel Kant dizia *que não vemos a realidade como ela é, mas como nós somos*. (OKAMOTO, 1996, p.39) Como é que encontramos o mundo quando aqui chegamos? E de que forma acompanhamos o que vai acontecendo?

1921 foi quando nasceu meu pai. No Vale das **Cidades Mortas** de Monteiro Lobato. No vale do Rio que se chama Paraíba, Rio que sai do Estado de São Paulo e chega ao Rio de Janeiro, acompanhando o viajante, volteando, ondeando, ilhando, cantando. Encantando o sol. Mas gritando de dor, pois está doente.

Meu pai e o rio. Entre rio e homem justapostos se estabeleceram afinidades, intimidades e conflitos que se efetivaram numa interação de profundos efeitos.

Para Pardé o rio é uma individualidade geofísica, viva e agente, as grandes vias chegam a ter caráter, muitas vezes tão cheio de complexidades como o ser humano, nas suas idades de infância, adolescência, maturidade e decrepitude. (Cf. PARDÉ, Maurice) Antes de cegar, meu pai enxergava as feridas do Rio, fotografava homens que o sangraram. Como não podia lutar contra Deus e Seus mandamentos, contra o câncer que lhe comia a carne, contra o Alzheimer que lhe carcomia o cérebro e também a alma, então dedicava-se a fotografar a miséria exposta do seu amigo Rio. Viu o que matava o seu companheiro de desventuras no entanto esse homem não tinha mais tempo. O Rio claro de sua infância sofria tanto quanto ele, chorava tanto quanto ele, mas o elefante que vive 100 anos não pode pedir à borboleta meia hora de espera, disse Domenico de Masi, autor da teoria do ócio criativo, em reportagem a **Veja** (agosto/2002). Era preciso que José fosse forte, que juntasse gente ao seu redor, que mostrasse a essa gente essas radiografias avermelhadas, para que assim esse Rio tivesse uma chance. *Consolidar os preceitos da cidadania na comunidade pode levar ao engajamento consciente dos cidadãos nos movimentos de interesse coletivo*. (DE MORAIS, 2001, p.99) A proteção do ambiente requer o esforço consciente dos indivíduos que vivem e trabalham no meio.

Ah! Mas José estava morrendo...

Estava tão exangue, sentia-se tão inútil, não podia fazer mais nada.

Ora, mas o Rio também tinha que tomar uma atitude! Tinha que ser fiel àquele que já não podia estar ao seu lado. Mas esse Rio também envelhecia. E os finais de tarde eram cada vez mais purpúreos, manchando os olhos. Estavam os dois agonizando.

PARA QUE SERVE UM RIO?

O rio vem de longe e ninguém sabe aonde vai. Dizem, é verdade, que tem um começo e nasce lá no alto, nas montanhas, mas isso não é bem certo. Que é uma

nascente? Quando se vê um rio, ele já é rio, e ninguém pode compreender que tenha sido um fio de água, a porejar da rocha. Outrora, quando o mundo vivia feliz, tudo era diferente. Os rios corriam de ânforas de mármore, que mulheres sempre jovens mantinham inclinadas. Mas o rigoroso deus dos cristãos que não ama a beleza das mulheres moças, quebrou essas ânforas de mármore. As mães-da-água morreram de dor e os rios nascem agora ao acaso, como podem. (Cf. GOUMONTIN: NOBREGA, 1978)

Descrição feita por Rémy Gourmont que a inscreveu em **Promenades Philosophiques**. Este passeio filosófico de Rémy Gourmont nos faz entender o amor de José pelo rio, então continuemos:

Se não conhecemos bem seu nascimento, sabemos como vivem e morrem. Sua vida é saltar ou correr, des preocupados; repousar sobre as pedras ou sonhar entre os caniços. Muitas vezes, quando atravessam os prados floridos, gostam de espalhar-se nas ervas. Se diques ou troncos de árvore lhes barram importunamente o caminho, os rios ficam aborrecidos e, mesmo, raivosos. Mas se é um moinho que se eleva em sua passagem, movem-lhe as rodas com amável solicitude e continuam a viagem, sem alarde. O rio é o pai dos homens e das árvores, dos animais e das plantas. Sem eles não há peixes; nem aves também. Não há colheitas, nem flores, nem vinho, nem bois, e o homem foge, queimado pelo sol. Depois de ter dado vida, o rio tem duas maneiras de morrer: espalha-se no seio de outro rio, mais volumoso, ou vai diretamente perder-se no mar, que é o grande cemitério de todos os rios, pequenos e grandes. Mas o rio que morre é, ainda assim, eterno, como o oceano que o recebe em seus abismos. As nuvens nascem do mar e o vento as empurra para as florestas onde se fazem chuva, que enche os rios. Há no mundo uma circulação de água, como, em nosso corpo, a do sangue. Tudo isso é muito bem regulado. O oceano ama o rio. Vem a seu encontro e envia-lhe, como saudação, a salsugem das ondas. Resiste muito. Enfim as águas doces entregam-se e fundem-se, aos beijos poderosos das águas salgadas: as vagas embalam a realização das núpcias. O rio é uma pessoa. Tem nome. Este nome é muito velho, porque o rio, ainda que sempre moço, é muito antigo. Existia antes dos homens e antes das aves. Desde que os homens nasceram, amaram os rios e tão logo souberam falar, lhes deram nomes. (Cf. GOURMONT, in: NOBREGA, 1978)

Para que serve um rio?, repete o eco das águas o apelo lançado.

O olhar que José tinha para seu rio era muito afetuoso. Quando criança ele não se incomodava muito com a palavra preservação. Fazia o que devia fazer porque era assim que era. Educação ambiental não se ensinava nas escolas, porque o lixo era para ser jogado no lixo, qualquer outra atitude estava fora de cogitação.

Mas o tempo passou e o Homem desaprendeu, ele achava. Ou foi a população que triplicou e as lixeiras não eram mais suficientes?

Agora

[...] o aperfeiçoamento das técnicas de reprodução da imagem caminha junto com o desenvolvimento de técnicas de produção de imagem sem a preexistência de um referente real; é o caso da infografia ou computação gráfica, que permite, por meio de um código alfanumérico, criar uma imagem. Este tipo de imagem, que é uma imagem em devir, na qual se pode intervir, permitiu o desenvolvimento da realidade virtual [...] (BARRETO, 1995, p. 122)

[...] pode-se criar novos rios. E até mesmo interagir-se com. Rios sem maus odores, navegáveis, cuja beleza é manipulável. O único problema é que no rio virtual você não pode molhar seus pés, José. Nem lavar suas feridas. Mas no rio real você também não poderia, não hoje. Ele tem um cheiro estranho. (BARRETO, 1995, p. 50)

No século XVIII, por volta de 1780, [...] havia muitas discussões entre os filósofos, porque alguns diziam que as viagens não educavam, só traziam vícios.

O rio transporta gente demais, para uma extensão longa demais, é melhor não propagar males. Os defensores das viagens entendiam que as escolas jamais conseguiriam o mesmo resultado pedagógico permitido pela observação direta dos usos e costumes, da política, do governo, da religião, da arte de outras nações. Eles entendiam que os jovens voltariam enriquecidos. [...] (BARRETO, 1995, p. 50)

Quem está interessado que os jovens fiquem enriquecidos? Esses jovens podem querer exercer cargos políticos...

Água de beber, água de passear – de ir e de vir –, água de se banhar – de brincar, de jogar, de gazetear-. A que alimenta ou mata o homem, assim como o homem que alimenta ou mata a água. Água que dá bicho, que transporta dengue, é do bem e do mal. A água boa, a de transportar – de trazer e de levar –, traz empregos, negócios, produtividade, soluções.

Em Cachoeira Paulista, a terrinha do José, o povo pede indústrias para que haja um desenvolvimento da cidade - que estancou depois que a Estrada de Ferro a abandonou. A estação tombada pela Condephaat em 1982, arruinada. Só sobraram os escombros e não existe mais nada para preservar. A ideia primeira era fazer dela um centro cultural, com restaurantes e artesanato local; as canoas e as redes feitas pelos pescadores seriam usadas na decoração. Peixes? Já não há.

A extinção de algumas espécies não constitui uma preocupação só pelo fato de se perder aquela espécie. Os ecossistemas funcionam e têm vitalidade através de uma cadeia de interações. Cada vez mais se tem

conhecimento de que a eliminação de uma única espécie, tanto pode ser um animal carnívoro, como um inseto ou pássaro polinizador, ou um herbívoro, como uma planta alimento, pode alterar de um modo profundo e imprevisível o equilíbrio de um ecossistema e, com isso, ameaçar a sobrevivência de inúmeras outras espécies. (ERICSON, 1992, p. 209)

As indústrias que esse povo pede revitalizariam essas águas? Essa estação? Essa gente?

Os seres humanos são os maiores poluidores do mundo. Desde o início da era industrial as pessoas rivalizam com a natureza na quantidade de produtos químicos tóxicos e material particulado jogados na atmosfera. Hábitos devem ser mudados. Desejos e padrões de vida precisam ser ajustados, embora o ajuste possa ser eventualmente considerado como mais desejável. As atitudes já mudaram muito, pois *“em 1800 a água pura era encarada como uma mercadoria desejável, mas ainda dispensável.”* (SEWELL, 1978, p. 80.)

A água pura... é a melhor bebida para pessoas de todas as idades e temperamentos. Por sua fluidez e suavidade, ela promove uma circulação livre e equilibrada do sangue e dos humores por todos os vasos do corpo, dos quais depende o funcionamento perfeito de todo animal, e por isso os bebedores de água não estão apenas entre os mais ativos e vivos, mas também entre os mais alegres e dispostas de todas as pessoas... Mas, para as constituições delicadas e gélidas e para pessoas desacostumadas com ela, a água sem vinho é uma bebida bastante imprópria. (SEWELL, 1978, p. 287.)

Nos Estados Unidos, por volta do ano de 1900, um abastecimento público de água pura era considerado necessidade e direito. Similarmente, o fluxo de esgotos nas ruas era considerado normal em 1800 e mesmo em 1850. Em 1900, essas condições tornaram-se intoleráveis. Começou-se a instalar banheiros nas casas por volta de 1830. Antes disso, uma privada numa casa era considerada uma ideia vulgar, suja; e uma banheira fixa era um gasto insensato de espaço. Todavia as mudanças de atitude numa área geraram mudanças em outras. Resultados inesperados, mas felizes, ativaram a procura de melhoramentos ainda mais drásticos. (SEWELL, 1978, p. 287.)

Transição de valores e a maneira de encarar as prioridades da vida, são o que conta em

[...] nossas atitudes para com o homem que suja o ambiente natural. Nossos netos poderão encarar nossa atual desconsideração destrutiva para com a qualidade da água com a mesma estupefação com que contemplamos a tolerância aparentemente primitiva e bitolada dos nossos antepassados. (WHITE, F. Gilbert, 1969)

No Brasil aprendemos com os índios a tomar banho todos os dias, mas não aprendemos a valorizar a água

dos rios. Não é exatamente comparável o nosso caso com o exemplo que demos acima, que ocorreu nos EUA, mas seguramente a atitude muda a situação. Atitude do homem. E podemos começar com atos específicos, tal como jogar papel em latas de lixo ao invés de jogá-lo no chão, não querer poupar uma energia pessoal de ir até à lata de lixo, nem ficar irritado porque as latas de lixo não existem e que é necessária muita paciência até nos depararmos com uma.

COMO CONSEGUIR ESSA PARTICIPAÇÃO PÚBLICA?

Nenhuma técnica especial alcançará uma comunidade inteira, a menos que seja incomumente coesa; mas, pela identificação judiciosa das redes de comunicação, uma campanha cuidadosamente planejada pode alcançar a maior parte das pessoas politicamente ativa. (SEWELL, 1978, p. 287)

Mesmo se formos bons para com o rio, às vezes ele pode ficar colérico. Ele enche, incha, transborda, atravessa seus limites e invade. Depois se arrepende, se acalma, volta, esvazia. Como se nada tivesse acontecido. Nem vê o que deixou para trás. Destroços não lhe dizem nada, somente coisas no caminho. Mas, atentos aos humores do rio, poderemos ter menos destroços da próxima vez. Limpeza é a palavra-chave para que nosso planeta possa continuar progredindo com qualidade.

Até o final da década de 70, a questão ambiental era vista como um obstáculo para o desenvolvimento econômico. A ausência de política ambiental no país que normatizasse a ordenação racional do território era um trunfo na tomada de posição do Brasil perante a geopolítica internacional. Eximir-se da preocupação com a preservação do meio significa maior poder de negociação na ordem econômica mundial. No entanto, na década de 80, esse tipo de atitude não foi bem vista internacionalmente, haja visto as acusações de transgressão contra a Mata Atlântica e a Floresta Amazônica. (RODRIGUES, 2001, p. 100)

O rio Paraíba como meio de transporte de São Paulo ao Rio de Janeiro. Um desafio. A indústria das auto-estradas está solidificada há muito tempo: empresas de manutenção das estradas, fábrica de caminhões, postos de gasolina, pedágios, borracheiros. Seriam necessários reajustes, períodos de adaptação. Seria possível recolocar todo esse pessoal? Haveria muito trabalho em um primeiro momento já que não temos os meios de transporte necessários, pois eles não são usados, então o que? Primeiramente teria que ser ativada a indústria marinha. O que seria dispendioso e lento, mas que iria se pagando no decorrer dos anos. E essa gente toda poderia aos poucos se preparar para entrar nesse outro mercado de trabalho.

Em algumas situações o barco é mais perigoso que o carro. Em caso de acidente na auto-estrada, às vezes, o motorista pode sair ileso. O rio, caudaloso, profundo, traidor, engole suas vítimas, traga-as para o fundo e não as devolve facilmente. No entanto, acidentes de barco são menos frequentes, a alta velocidade não é um perigo, passageiros no banco de trás ou da frente? Tanto faz... Não precisa de manutenção, pois não se desgasta com o tempo, não haverá buracos. É menos poluidor, mas ainda somos todos seres humanos, ou seja: somos os maiores poluidores da natureza. Educação ambiental. Educação do homem.

José era professor. Educador. Falava alto, dogmático, dono da verdade. E brigava por isso. Ai! daquele que jogasse lixo no seu amigo Rio! Não usava a palavra preservação porque rótulos não combinavam com ele; não queria saber de ecologismos, meioambientalismos. Muito falatório e pouca mão na massa não adiantam nada. A casa está ruindo, todos estão vendo e quem é que pode fazer alguma coisa? Os predadores estão no seu cérebro e no do rio, é preciso agir. *Eu não mudo nada no mundo, que minha presença ou ausência não faz diferença* diria José, *saio eu, daqui a pouco tem outro no meu lugar. Mas o rio morre e morre tudo em volta. Seca, esturrica, apodrece, cheira mal, faz adoecer e o círculo se fecha e então fica mais difícil de resolver. Quem é que pode ouvir este meu grito?*

Meu pai sempre recorria à sabedoria do que tinha lido. Quando se pedia provas de algum argumento, dava referências completas: revista **Banas Qualidade**, gestão processos e meio ambiente, de julho de 2002 (págs 67 a 69). Exagero, sim, ele não seria tão preciso; mas acredito que comentaria a matéria sobre uma norma estabelecendo o sistema de gestão ambiental da organização, que se chama ISO 14000. Abriria a discussão sobre a escassez dos recursos naturais, discorreria sobre os desequilíbrios ambientais e os sérios problemas no futuro que deles decorreriam. Referindo-se à ISO 14000, fecharia o espaço do debate concluindo que podia não ser uma solução final para este problema, mas, ao criar um sistema de controle do manejo ambiental, poderíamos saber o que a organização fazia para minimizar os efeitos nocivos ao ambiente causados pelas suas atividades.

É. Acredito que ele teria gostado de falar disso. E para finalizar tocaria uma modinha no seu violão, naquele jeito seresteiro e boêmio. Envelhecer tem certas vantagens, as pessoas mudam de opinião sobre o que é certo e o que é errado. Já não tem mais importância alguma ser seresteiro. Melhor dizendo: é até mesmo valorizado. Mas com relação ao nosso Rio, bem que seria muito bom se as pessoas mudassem de opinião quanto ao seu valor, não? Mesmo a Igreja católica que prega o respeito humano, é a primeira a desprestigá-lo. Estamos nos referindo mais especificamente à Canção Nova, vertente carismática, que tem sua sede em Cachoeira Paulista. Ela fez da represa da cidade, que era um lugar de lazer dos mais pobres e desvalidos, e estes tinham de seu somente o sol e a natureza, fez, sim senhor! um esgoto a céu aberto. Já não se pode mais ir

passar à beira do rio. Já não se pode mais ir passear no Cachoeirão, um lugar lindo, muito bom de se ficar. É propriedade da igreja agora. Os rios têm dono, ora vejam só! Em 1854, o presidente dos Estados Unidos fez a uma tribo indígena a proposta de comprar grande parte de suas terras, oferecendo, em contrapartida, a concessão de uma outra reserva. A carta-resposta do chefe Seattle, distribuída pela ONU (Programa para o Meio Ambiente), tem sido considerada, através dos tempos, como um dos mais belos e profundos pronunciamentos já feitos em defesa da natureza.

Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Essa ideia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los? (in: LEITE, 1977, p. 275)

Ou seja: se as águas têm donos, peçamos aos donos da água de transformá-las de novo em água de beber, em água de trazer e de levar, em água de se banhar.

José não desistiu, não. Ele agora está morando na história de Guimarães Rosa, à terceira margem do rio. E só sai de lá depois que seu amigo Rio parar de sangrar. Ele também sangrou. E sabe o quanto doeu. Então ele não pode se calar. Nós, os filhos todos do tal de Zé, aqueles que ele gerou, aqueles que ele criou, aqueles que ele educou, aqueles que ele ensinou a ver e a enxergar, pedimos: por favor, tirem nosso pai da terceira margem.

REFERÊNCIAS

- (1) BARRETO, Margarita, **Manual de iniciação ao estudo do turismo**, SP, 1995, Papirus Editora, Campinas.
- (2) Citado em **Percepção Ambiental e Comportamental**, 2ª. ed., Okamoto, Jun, Ipsis Gráfica e Ed. S/A, SP, 1996.
- (3) Pardé, Maurice – Fleuves et rivières, in: **História do Rio Tietê**, Mello Nóbrega.
- (4) Moraes, José Luiz de, A arqueologia e o Turismo, in: **Turismo e Patrimônio Cultural**, organização Pedro Paulo Funari, Jaime Pinsky. São Paulo: Contexto, 2001.
- (6) Barreto, Margarita, op.citada, pág. 50.
- (7) *de Gourmont, Rémy – Promenades philosophiques*, in: Okamoto, Jun, op.citada, pág.10 e 11.
- (8) Ericson, Jon, **Nosso planeta está morrendo: a extinção das espécies**, São Paulo: Makron, McGraww-Hill, 1992.
- (10) Sewell, Grandville Hardwick, **Administração e controle da qualidade ambiental**, São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, CETESB, 1978.
- (11) White, Gilbert F. (ed.) **Water, Healt and Society: Select Papers of Abel Wolman**: Bloomington, Ind.: Indiana Universtity Press, 1969.
- (13) Rodrigues, Adyr Balastri, **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**, São Paulo: Editora Hucitec, 2001.
- (14) Carta do Cacique Seattle, da nação Duwamish, da América do norte, dirigida em 1855 a Franklin Pierce, presidente dos EUA. Traduzida por Irina O. Bunning. Citada em **Novas Palavras, literatura, gramática, redação e leitura**. Ricardo Leite /et al. São Paulo: FTD, 1997.



José Botelho Netto
Biografia

Júnia Botelho



técnica da latinha e o furo da agulha. Levava seus alunos para o alto das montanhas, para as trilhas, mandava tirar os sapatos, sentir a grama e a terra. Ensinava os meninos do ginásio fazendo coral de poesias, contando histórias, jogando truco. Ensinava os filhos no cinema falando de composição, triângulo de ouro, foco, luz, cor, saturação. Ensinou na faculdade onde estudou, a Fatea, a montar seu próprio laboratório. E quase passou cimento nos tijolos junto, para mostrar como deveria ser o melhor laboratório do mundo. Era engajado, consciente, e todos eram seus alunos em qualquer conversa que houvesse. Porque sua missão era ensinar. Fazia saraus em sua casa para juntar os amigos linguistas, filósofos, comunistas, poetas, jornalistas, folcloristas, cantadores. O violão levava às discussões e as discussões visavam à cantoria.

Esse homem foi boêmio, fotógrafo, professor, educador, ambientalista. Mas, principalmente fotógrafo, e fotógrafo-poeta. Um artista.

Botelho Netto é paulista da cidade de Cachoeira Paulista, nascido no dia quinze de janeiro de 1921. Nasceu na Rua Silva Caldas, s/n e morreu na Rua Carlos Pinto, 130, curiosamente na mesma casa, na cidade de Cachoeira Paulista, dia 09 de outubro de 2001. Era o mais velho de quatro irmãos. Ia se chamar Cirilo, mas o seu tio, pai de sua esposa, esqueceu o nome quando estava no cartório e tascou-lhe um José. Seu pai, Antonio Botelho, era chefe de estação e ficava entre Rio e São Paulo e foi em Suzano que fixaram residência. Morava no Terreão do meio.

Zizinho para os amigos, para a esposa, para a turma do ginásio cachoeirense onde ele entrou aos trinta anos para não ser o *marido da professora* e ter sua própria personalidade. Botelho para os colegas de trabalho, para os amigos da faculdade onde aprendeu a amar a linguística, a semiótica, a história da arte.

Era apaixonado pelo que fazia. Era professor. Educador. Ensinava a ver. Ensinava fotografia com a

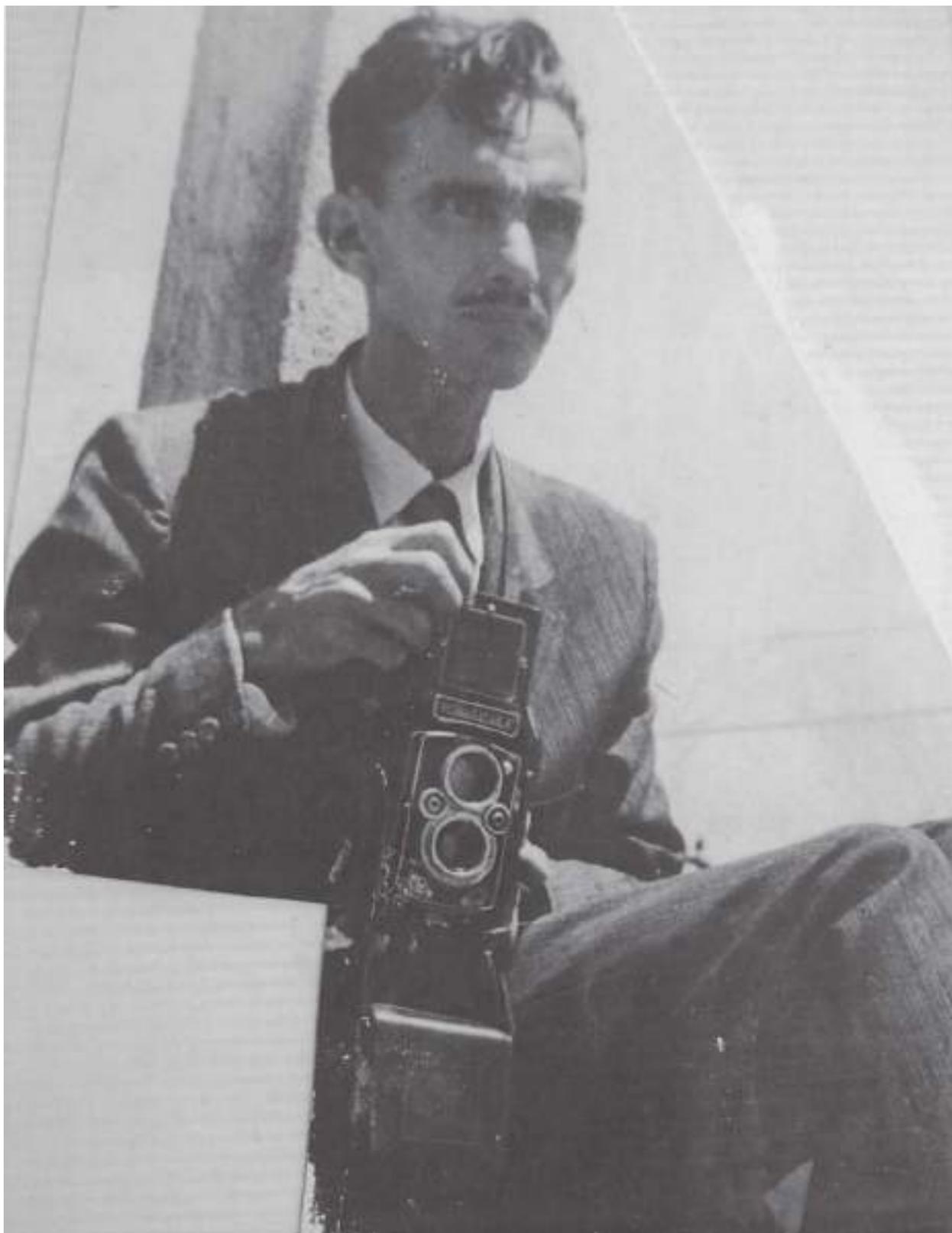




Botelho Netto em
Preto e Branco

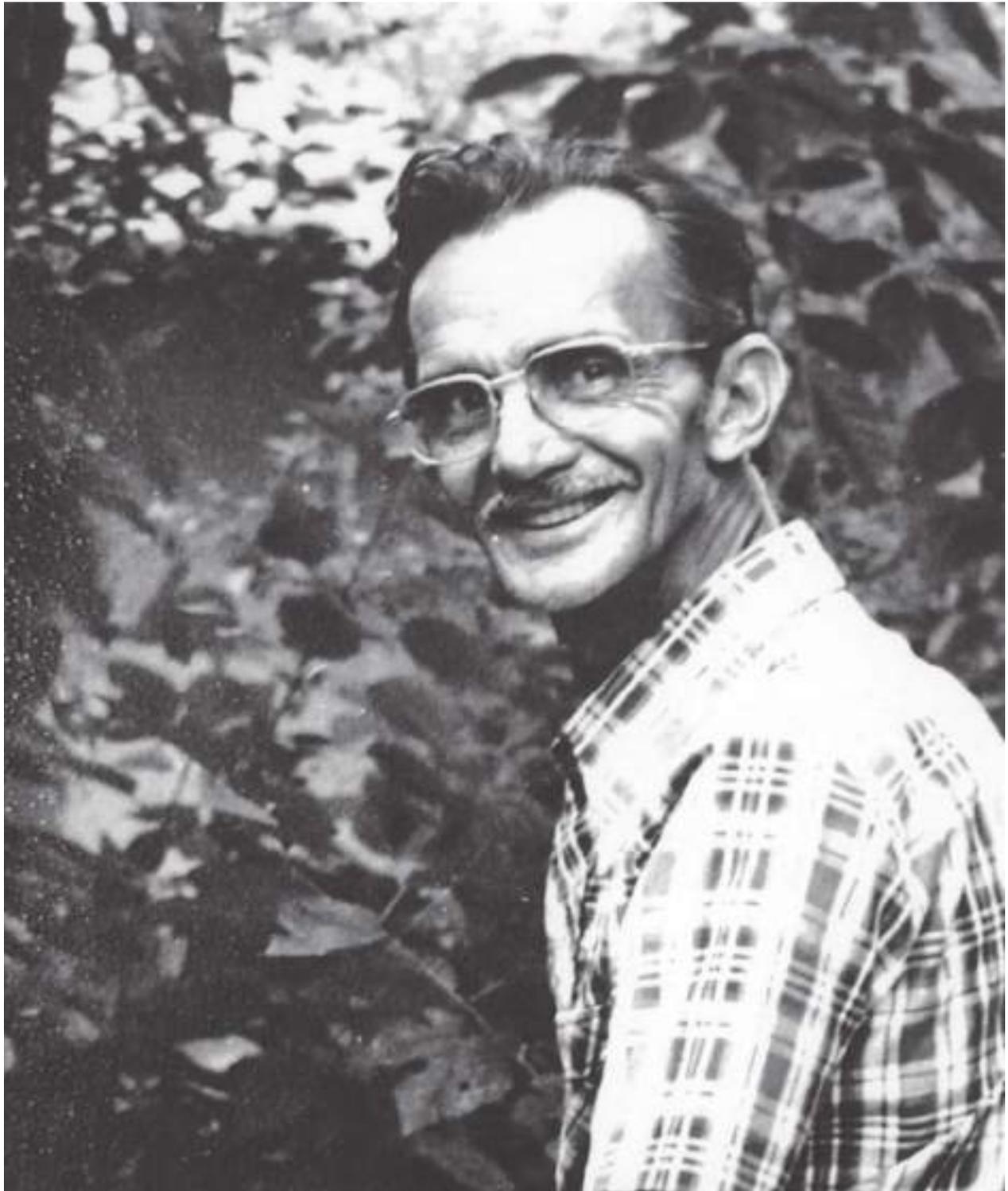


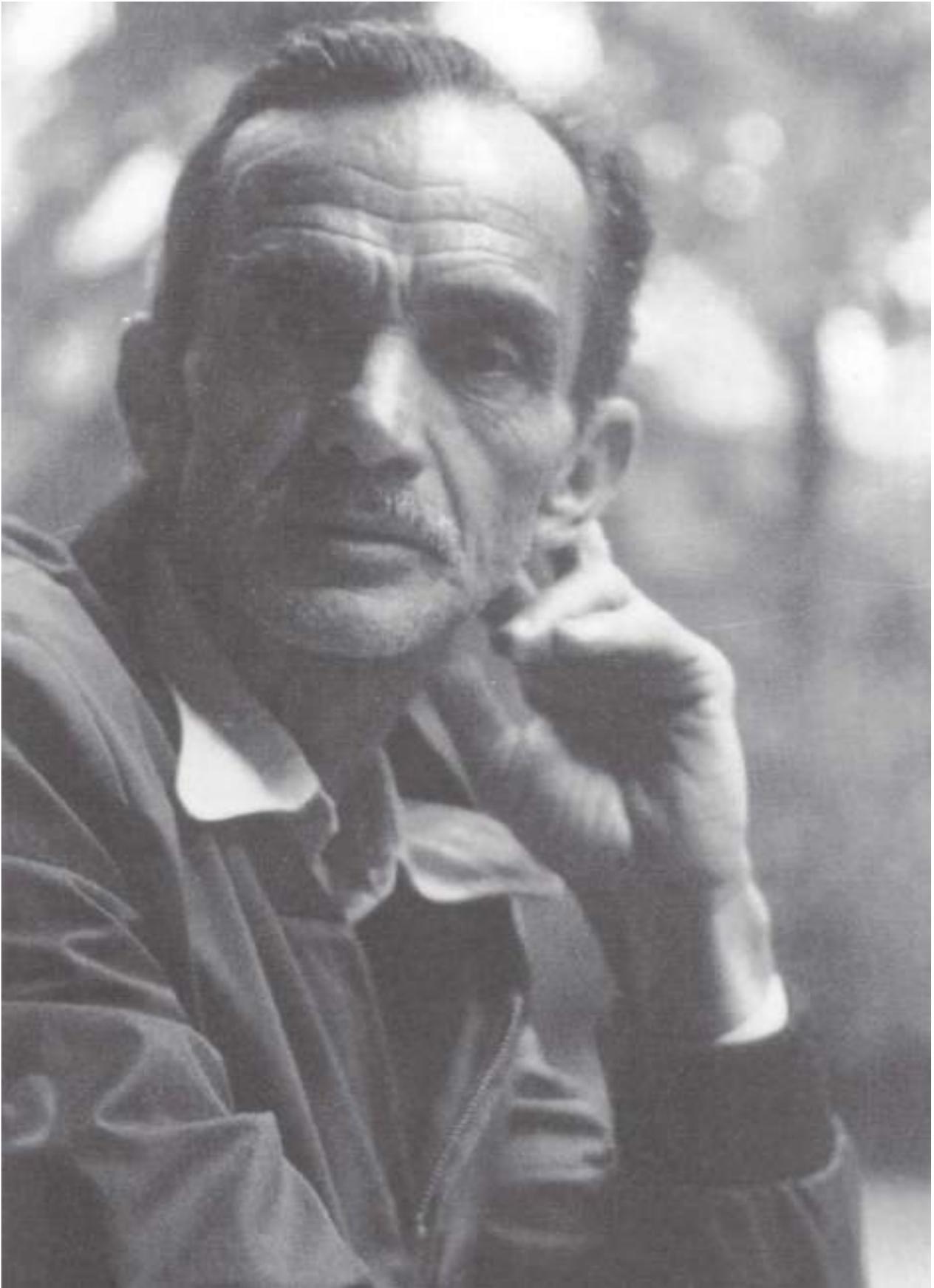
Através da beleza do preto e branco, o foto-jornalista Botelho Netto, também professor, também pai, também marido e também amigo, discutia em seus projetos fotográficos a linguagem da imagem captada



José ele se chamava, fotógrafo. Sua máquina era seu terceiro olho, aquele que nos desvenda o mundo. Apreciava tudo com muito cuidado, meticulosamente. Esperava a luz apropriada, preocupava-se até mesmo com a direção do vento.

O instrumento de trabalho de José era o olhar, a máquina extensão. Ele piscava - a máquina piscava também, e produzia uma obra de arte. Que diafragma, que foco, que nada! Eram retina e pupila, isso sim! Enquadrou a luz, enquadrou a sombra.





CARTA AO ZIZINHO

É difícil escrever para uma pessoa tão extraordinária como o Sr. Zizinho e que tem como esposa uma mulher igualmente extraordinária. Por isso resolvi escrever com o coração já que de quando regido pelo amor não comete erros.

Talvez o Sr. não se lembre de mim, mas com frequência lembro do senhor, por uma ajuda que sem perceber me deu.

Eu estava passando por uma fase muito difícil e estava prestes a desistir da vida quando fui a Lorena resolver um problema.

O Sr. estava na rodoviária e chegou perto de mim,

e na sua doce conversa, me devolveu a esperança.

Quando chegamos a Lorena, o Sr. me disse assim: *perdi o ônibus e peguei este aqui, como a vida é boa, assim pude conversar tão gostoso com você.*

Com grandeza de espírito, o Sr. aceitou ser mensageiro de esperança para mim.

Nunca mais o esqueci, e sempre que alguma coisa me atrasa, fico pensando no que a vida pode estar me trazendo de bom. Sempre tive vontade de lhe falar sobre isso — agora acho que seria o momento ideal.

Momento para lhe dizer *Como és grandioso.*

Com carinho

Maria de Fátima Romeiro



**CARTA ABERTA A MARIA DE FÁTIMA
CACHOEIRA PAULISTA, 29
DE JANEIRO DE 1999**

Minha querida:

Ao ver a sua assinatura no fim de uma cartinha linda, Maria de Fátima, pensei na Virgem miraculosa que é a sua epônima e que no altar aguarda pedido para a realização de uma esperança. Pois você não me acredita, mas as flores e a carta foram como que um milagre, uma resposta, para os meus pedidos de ânimo e de alegria.

Como você sabe, estou doente. Mas o que você não sabe é que eu não aceitei nem a doença nem a velhice. E que entrei em depressão. Eu reconhecia que era preciso me reerguer, que devo a mim mesmo, e aos que me rodeiam, uma face animosa, diante da vida e da doença. Entretanto, sentia-me vazio e distanciado dos meus semelhantes, tal é a influência dos males no pensamento e na aceitação do que nos toca por destino. O desânimo não me deixava. Dia por dia, eu repetia as boas intenções, das quais se diz que o inferno está cheio. Eu posso dizer que sou meio parente dos jurupixunas, os macaquinhos da boca preta, que, em época de chuva,

dizem taxativamente que vão fazer casa, para não sofrerem as intempéries. Porém, vindo o bom tempo, deixam para amanhã, e assim, amanhã, amanhã, jamais fazem casa. As minhas resoluções estavam nesse pé. Arrastando-se. Literalmente. E eis que veio a sua carta, acompanhando um vasinho de flores delicadas, e atribuindo-me um valor que não tenho.

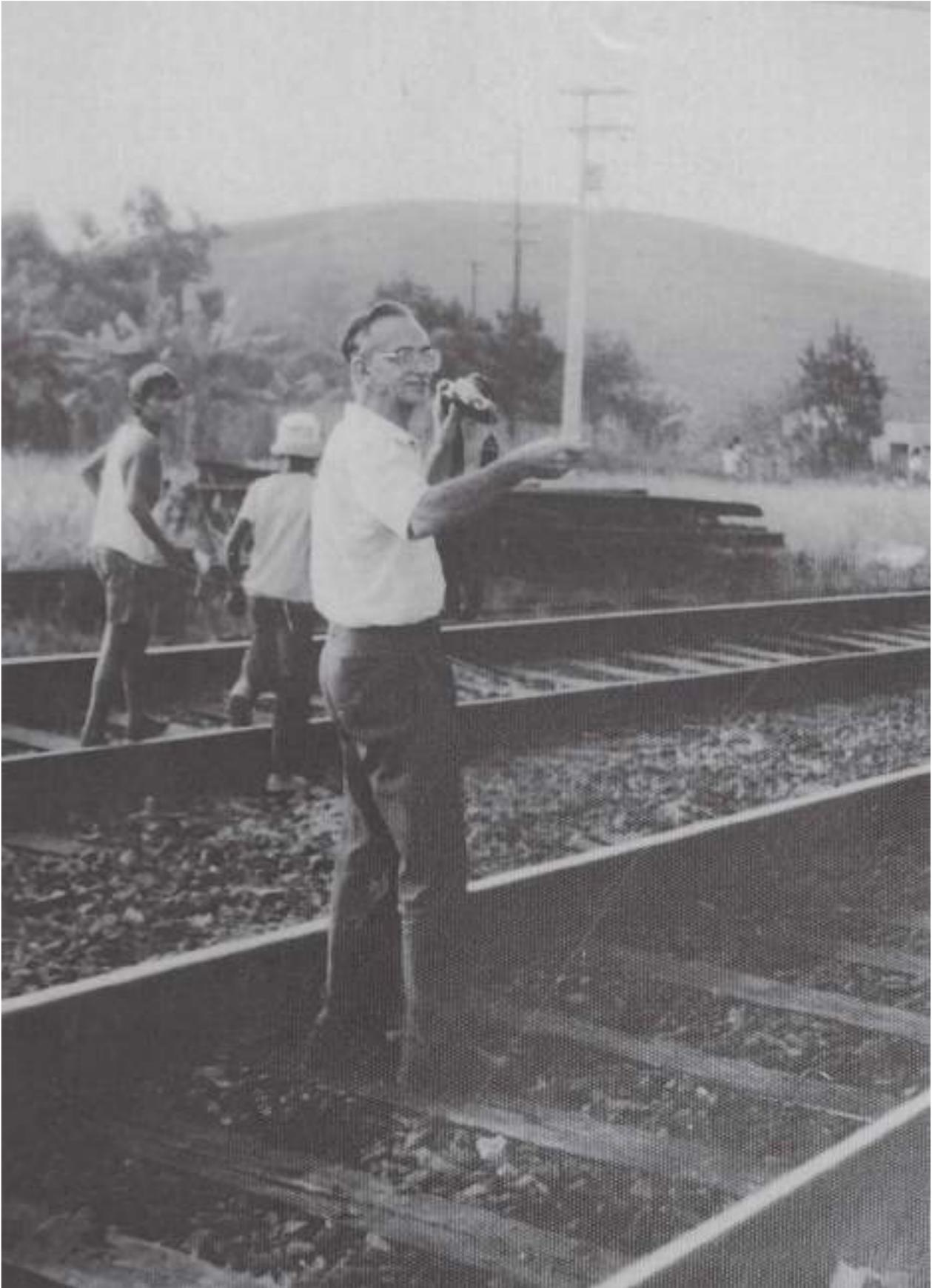
Realmente não me lembro do episódio que você conta com palavras mais generosas que verdadeiras. A sua bondade é que lhe deu uma interpretação cheia de significado. Mas, se assim aconteceu, o que eu disse algum dia está voltando em dobro para mim, e vem numa hora em que o mundo me parece vazio e inóspito. Claro que a partir daí reavaliei meus préstimos neste mundo e refleti sobre o que virá, e o que ainda posso fazer a favor de alguém. Pode ser que me esteja reservado dizer palavras consoladoras para alguma chorosa moça bonita que brigou com o namorado.

Fora de brincadeira, tomei a sua remessa como uma mensagem e Deus sabe se eu tava precisando de reconsiderar e tomar o meu lugar no mundo dos vivos. Muito obrigado, muito obrigado mesmo, Maria de Fátima.

José Botelho Netto — Zizinho.









Achei, há algum tempo, um papel dobrado com uma experiência literária de meu pai. Trata-se de um trabalho solicitado por um de seus professores da faculdade e devia responder à seguinte pergunta: *O que estou fazendo aqui?* O texto mostra quem ele era. Para mim não seria preciso esse testemunho para que

eu soubesse quem era meu pai. Foi o melhor amigo de minha mãe — e só isso já teria bastado para que eu o admirasse. Mas era mais do que isso. Um homem especialmente ético e especialmente amoroso. Foi meu herói e foi meu amigo.

Joaquim Maria Botelho



PROJETO RONDON

Em meados da década de 1970, enquanto estudante de Letras na Faculdade Teresa D'Ávila, Botelho seguiu para unidade de Uruçuí, no Estado do Piauí, como participante do Projeto Rondon, na primeira etapa que envolveu 827 cidades de 20 estados. O lugarejo, precário e pobre, recebeu os rondonistas com alegria e apreço. Botelho atuou como professor e travou relacionamento amoroso com os habitantes principalmente os jovens. Neste flagrante, um momento de brincadeira.

Botelho escrevia diariamente para a família, em Cachoeira Paulista, e diariamente recebia cartas de retorno. Júnia, menina de cerca de 10 anos, liderava a empreitada postal. Olavo, com 13 anos, queria *pegar carona* nas cartas da irmã. A mãe ralhou: *Escreva você mesmo! Nada de ficar só aproveitando o trabalho da irmãzinha.* A bem da verdade, Olavo começou uma carta. Tinha o cabeçalho e este texto: *Oi, pai.* Muitos dias depois, vendo que a missiva não avançava, a mãe enfiou a folha num envelope e mandou assim mesmo. Botelho riu muito da história.



ALUNADO



Botelho foi um homem prático. Pegava seus alunos do curso de fotografia e saíam em comitiva para observar ângulos, reflexos e luzes. Eram aulas que somavam física, ótica, história da arte, estética e psicologia. Cada elemento de composição era motivo de ensino. A foto tomada do alto para esmagar a personagem, ou de baixo

para dar impressão de poder e estatura, os planos que denotavam solidão ou conjunto, chegada ou partida, tristeza ou festa.

Os próprios corredores da Faculdade Teresa D'Ávila foram cenário de muitas experiências fotográficas, quase estúdios ao ar livre.





Seu Zizinho. Era assim que eu o chamava, quando o via passar, rápido, rápido, rápido, na sua bicicletinha! Que talento, que sorriso gostoso, que astral.

Saudade!

Claudia Varella.



Década de 1960. À direita, o Quinzinho, dono do bar e amigo. O estabelecimento estava instalado no terreno de Botelho, que lhe alugava o prédio. Esquina das ruas Silvia Caldas e Carlos Pinto, em Cachoreira Paulista.

Quinzinho morto, o bar foi fechado. Ao cabo de dez anos, o filho, Tico, comprou o imóvel e abriu outro mesmo bar, com o mesmo espírito e caráter. E o nome revela a história: **Bar do Tico do Quinzinho**. Existe ainda.



José não desistiu, não. Ele agora está morado na história de Guimarães Rosa, à terceira margem do Rio. E só sai de lá depois que seu amigo rio parar de sangrar. Ele também sangrou. E sabe o quanto doeu. Então ele pode se calar. Nós, os filhos todos do tal de Zé, aqueles que ele gerou, aqueles que ele criou, aqueles que ele educou, aqueles que ele ensinou a ver e a enxergar, pedimos: por favor, tirem nosso pai da terceira margem.

